

EPISÓDIOS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL  
N<sup>OS</sup> LUSÍADAS<sup>9</sup>

Maria Paula Lamas

Ao escrever *Os Lusíadas*, Luís de Camões vai imprimir ao seu poema renascentista um cunho de modernidade<sup>10</sup> e de originalidade, fundamentando-se em acontecimentos verídicos, contrariamente ao que se verifica nas epopéias clássicas que lhe serviram de inspiração. Enquanto Virgílio narra as imaginárias peripécias de Enéias, o poeta lusitano apresenta os fatos reais relacionados com a viagem de Vasco da Gama até à Índia e com a História de Portugal<sup>11</sup> que, segundo o seu ponto de vista, superam a ficção fabulosa patenteada nas obras da Antiguidade:

Oyez: car vous ne me verrez pas, pour les louer, parer vos vassaux de ces prouesses vaines qu'invente la Fable aux fictions menteuses, comme chez les Muses étrangères, avides de s'embellir. Les véridiques prouesses des vôtres sont telles qu'elles surpassent les exploits fabuleux qu'un songe a enfantés; elles surpassent Rodomont et l'imaginaire Roger, Roland lui-même, tout réel qu'il était. (Cf. BISMUT, 1980: 3).

Luís de Camões recorre a diversas fontes, entre as quais se incluem a *História do descobrimento e conquista da Índia pelos por-*

---

<sup>9</sup> Comunicação apresentada, em versão francesa, no Colóquio Internacional *Memória(s) e Modernidade na Europa dos séculos XVI e XVII*, realizado na Universidade de Nancy, em novembro de 2005.

<sup>10</sup> «(...) Par sa formation, par sa culture et par le caractère personnel de sa poésie, il était un homme de la Renaissance. En tant que tel, il s'adressait à ses contemporains: a-t-il encore aujourd'hui quelque chose à nous dire? Ou encore: pouvons-nous, en raison de sa problématique et de ce qu'apporte son œuvre, le considérer comme un contemporain? La vocation du génie est d'être intemporel, et c'est peut-être cela l'universalité. Camões est un homme de la Renaissance, donc un homme de son temps: une époque culturelle unique dans l'histoire de la civilisation, mais dont nous avons aussi beaucoup à apprendre.» (MARTINS, 1983, 47-48).

<sup>11</sup> «Dans ce cadre mythologique, les *Lusíades* sont une épopée historique. Elle embrasse le passé (la revue des premiers rois), le présent (le voyage de Gama) et l'avenir (la suite des gouverneurs). (...) Par histoire, il faut entendre tantôt une version légendaire (évoquant des origines), tantôt une adaptation de la chronique (découverte et négociations), tantôt une interprétation personnelle d'événements récents (jugement sur les fondateurs de l'empire). Le lien qui rattache ces trois parties distinctes et diversement traitées, c'est la glorification de la race, du «cœur lusitanien», dont le héros épique nous apparaît comme le symbole.» (LE GENTIL, 1995: 51)

*tugueses*, de Fernão Lopes de Castanheda, as *Décadas*, de João de Barros,<sup>12</sup> o *Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama*, atribuído a Álvaro Velho e as crônicas sobre os reis de Portugal, de Fernão Lopes e de Rui de Pina, entre muitos outros testemunhos. Bem documentado, o poeta vai apresentar a viagem que os portugueses iniciaram em Julho de 1497, desde Lisboa até ao Oriente, tendo regressado em Agosto de 1499. Tratava-se de uma rota desconhecida e perigosa que passava pelo temível Cabo das Tormentas, propício a correntes contrárias e tempestades que faziam perigar as pequenas e frágeis naus. Luís de Camões, ao relatar esta passagem, recorre à sua imaginação, apresentando o cabo metamorfoseado em terrível gigante devido ao terror que aquela zona infundia nos marinheiros.

Apesar de utilizar frequentemente a intervenção do sobrenatural, de acordo com os ideais da Antiguidade Clássica, Luís de Camões faz questão de salientar *a verdade nua e pura* que o distingue das façanhas imaginárias relatadas nas outras epopeias. Para António José Saraiva, o poeta separou deliberadamente as duas ações, a dos homens e a dos deuses, pois ambas decorrem em paralelo, mas em órbitas distintas (Cf. SARAIVA, 1978: 25), sem o conhecimento dos humanos que têm como principal adversário Baco e permanente protetora Vênus. Deste modo, ao serem ajudados pela deusa da beleza e do amor, os portugueses atribuem esse auxílio a Deus, O Único Ser Sobrenatural em Quem acreditam. Inclusivamente, o episódio da Ilha dos Amores, em que os navegantes se unem às ninfas, não desmente, segundo António José Saraiva, a separação entre o mundo onde se movimentam os homens e o cenário dos deuses, pois surge numa outra esfera, para além do espaço e do tempo e já fora da ação central, simbolizando a imortalização das proezas lusas.

Por seu turno, Roger Bismut defende que «(...) le poids de la réalité dans *Os Lusíadas* est immense.» (BISMUT, 1983: 100). De

---

<sup>12</sup> «Si l'histoire de João de Barros est déjà une histoire épique, l'épopée de Camões, aussitôt qu'apparaît Gama, devient scrupuleusement historique, de légendaire qu'elle était jusqu'alors. Il ne pouvait traiter autrement un sujet qui, par son actualité même, lui imposait la véracité. (...) Le poète aime à répéter à tout propos l'expression, *puras verdades*, vérités pures, dont il semble avoir fait la devise (...). / Camões va donc s'appuyer sur le témoignage indiscutable de deux historiens. Quand il s'en écarte, ce qui lui arrive rarement, c'est ou bien pour maintenir intact le prestige de son héros – dans ce cas il se borne à éliminer certains faits ou bien pour animer son récit par des fictions qui ne sont pas la transposition du réel.» *Ibidem*, pp. 58-59.

fato, na epopéia camonianiana tudo remete para o real, inclusivamente a própria mitologia. Tal verifica-se, por exemplo, na caracterização dos deuses que adquirem facetas humanas e nas ações das divindades pagãs que se encontram veladamente imbuídas de aspectos históricos relativos ao povo português, como nos assegura Roger Bismut:

Sur le mot de *réalité* lui-même il convient de s'entendre: *Os Lusíadas*, je viens de le dire, ont pour fil conducteur le très véridique itinéraire des nefes de Vasco da Gama, parties le 8 juillet 1497 de la plage de Belém – ou du Restelo –, et parvenues en rade de Calicut le 20 mai de l'année suivante.» (...) / Même si cette réalité est moins visible dans les passages où interviennent les personnages mythiques, c'est bien la réalité – et la plus tangible – qu'ils expriment eux aussi, réalité parfois nimée d'une philosophie hautaine.. (BISMUT, 1983: 92-102).

A partir do início do século XVI, as viagens ao Oriente tornam-se cada vez mais rotineiras. No entanto, os naufrágios vão continuar a ocorrer na zona do Cabo das Tormentas devido à sua localização geográfica, favorável à confluência de ventos e correntes e, ainda, às condições em que os barcos navegavam frequentemente demasiadamente carregados com os produtos provenientes da Índia. Alguns destes acontecimentos são anunciados por Luís de Camões sob a forma de profecia colocada na boca do Adamastor:

Ici j'espère, si je ne me trompe, tirer suprême vengeance de celui qui m'a découvert. Là ne se bornera pas le châtement de votre opiniâtre présomption : car, si mes prévisions sont véridiques, vous verrez chaque année tant de naufrages et de désastres divers accabler vos nefes que la mort sera le moindre de vos maux. (Cf. BISMUT, 1980: 108).

O gigante prevê várias mortes que ocorreriam pouco tempo depois naquele mesmo local, como se fosse a sua vingança devido à ousadia dos marinheiros em desvendarem o seu domínio. Alguns portugueses, como Bartolomeu Dias e D. Francisco de Almeida, ao passarem por ali num futuro próximo, acabariam por perder a vida. Assim, verifica-se que, ora sob a forma de analepse, ora de prolepse, Luís de Camões vai pondo o leitor ao corrente do que se passou ou do que iria acontecer, sem seguir uma ordem cronológica, e, cruzando sempre os fatos históricos com a mitologia, a geografia, a astronomia, entre muitas outras áreas do saber, consoante as situações apresentadas.

No decurso da viagem são relatadas as más recepções, em Moçambique, em Quíloa e em Mombaça, por parte dos nativos relativamente aos lusitanos. Os marinheiros vão ser finalmente bem aco-

lhidos em Melinde onde o rei, procurando saber informações, solicita ao capitão que lhe conte quem é o povo português. Luís de Camões utiliza este pretexto para recuar na época, colocando Vasco da Gama a proferir um longo discurso relativo à descrição da Europa, à localização de Portugal e à sua História até àquele momento, sucedendo-se neste relato muitos episódios desde os líricos aos bélicos.

Ao viajar no tempo, Luís de Camões vai apresentar uma perspectiva histórica global, a partir da fundação da nacionalidade portuguesa até ao reinado de D. Sebastião, em finais do século XVI. O poeta é um homem virado para o futuro, mas considera importante que as proezas anteriores sejam lembradas para que as gerações vindouras possam prosseguir com os mesmos ideais patrióticos. Por esse motivo, o primeiro reinado da História de Portugal adquire uma grande importância n'Os Lusíadas. Destaca-se a Batalha de Ourique, em que D. Afonso Henriques se debateu, com grande valentia, contra cinco réis mouros<sup>13</sup> e cuja prévia visão de Deus é anunciadora da vitória da Fé cristã contra o infiel,<sup>14</sup> aí representados respectivamente pelos portugueses e pelos mouros. As conquistas lusitanas pressupunham sempre a expansão do Cristianismo, aspecto lembrado frequentemente por Luís de Camões ao longo da sua epopéia. A bandeira portuguesa é bem representativa destes dois aspectos, ao apresentar cinco escudos alusivos aos cinco réis que foram vencidos,<sup>15</sup> tendo, por seu turno, cada escudo cinco dinheiros que totalizam trinta, pois o escudo do meio conta a dobrar, perfazendo a quantia corres-

---

<sup>13</sup> «Cinq rois Maures, dont le plus puissant est Ismar, voilà l'ennemi. Tous sont rompus aux périls de la guerre, où l'on acquiert gloire et renommée. Des femmes combattantes suivent leurs amants, imitant la belle et vaillante Dame qui fut d'un tel secours aux Troyens, et celles qui goûtèrent l'eau du Thermodon.» Luís de Camões, *Les Lusíades*, trad. de Roger Bismut, (1980 : 56).

<sup>14</sup> «La matinale lumière, sereine et froide, chassait déjà les étoiles du ciel, quand le Fils de Marie se montrant sur sa croix à Alphonse, l'animait. Et lui, prosterné devant la vision, tout brûlant de foi, s'écriait : 'Aux Infidèles, Seigneur ! montre-toi aux Infidèles, et non à moi, qui crois en Ton pouvoir!' » *Ibidem*.

<sup>15</sup> «Les Lusitaniens vainqueurs recueillent les trophées et un riche butin. Ayant vaincu et brisé les Maures d'Espagne, le grand Roi, trois jours durant, demeure sur le champ de bataille. Il y décore son glorieux écu blanc (qui maintenant encore atteste cette victoire) de cinq écus d'azur bien distincts, symbole de ces cinq rois qu'il a vaincus.» *Ibidem*, p. 57.

pondente à venda de Cristo por Judas.<sup>16</sup>

Confrontando também o inimigo da Fé, mas desta vez ao lado dos espanhóis, surge a Batalha do Salado. Este acontecimento histórico, que ocorreu no reinado de D. Afonso IV, é realçado, pois é estrategicamente antecedido por um emocionante episódio lírico conhecido pela *formosíssima Maria*. A mulher de Afonso XI de Castela, D. Maria, resolve dirigir-se ao pai, D. Afonso IV de Portugal, solicitando-lhe que lute a favor do rei castelhano, ajudando a derrotar o principal adversário da Península Ibérica:

Celui que tu m'as donné pour mari s'expose aux coups meurtriers du glaive sarrasin, pour défendre avec des forces réduites sa terre épouvantée. S'il ne reçoit point d'aide de toi, tu me verras, privée de lui et du royaume, veuve et triste, rejetée dans une vie obscure, sans mari, sans états et sans félicité. (Cf. Bismut, 1980: 68).

Para relatar a Batalha do Salado, Luís de Camões vai basear-se na *Chronica de Elrey Dom Afonso o Quarto* de Rui de Pina, enfatizando a importância da colaboração lusitana como decisiva na vitória alcançada. A este respeito, Georges Le Gentil comenta:

Ce qu'on sait de certain, c'est que, dans cette bataille en commun, le roi de Portugal a vaincu celui de Grenade et que le roi de Castille a triomphé de l'empereur du Maroc. On la connaît par une chronique rimée en castillan et par un nobiliaire portugais dont le récit a déjà une allure épique (...). Il est naturel que le poète revendique la priorité de l'action décisive en faveur de ses compatriotes. (LE GENTIL, 1995: 55).

Ainda no decurso do reinado de D. Afonso IV, Luís de Camões apresenta a morte de Inês de Castro, um dos episódios líricos de *Os Lusíadas*. O rei D. Afonso IV, cedendo às pressões dos seus conselheiros que invocam razões de Estado, consente na morte da aia de D. Constança por quem o príncipe herdeiro do trono português se apaixonara.<sup>17</sup> Inês de Castro pertencia a uma família galega influente e ambiciosa, o que fazia o povo português temer pela possível perda

---

<sup>16</sup> «Et sur ces cinq écus, il peint les trente deniers pour lesquels Dieu fut vendu, retraçant en couleurs variées le souvenir de Celui qui le favorisa. En chacun d'eux, il figure cinq deniers, de sorte que le nombre se trouve atteint, si l'on compte deux fois celui des cinq écus d'azur qui forme le centre de la croix.» *Ibidem*, p. 58.

<sup>17</sup> «Résout d'ôter Inês au monde, pour lui ôter son fils qu'elle retient captif ; il pense que seul le sang répandu par un meurtre indigne pourra éteindre l'ardent brasier de ce fidèle amour. Cette noble épée qui put soutenir le grand poids de la fureur des Maures, par quel égarement la laissa-t-il lever contre une faible et tendre dame ?» *Ibidem*, p. 71.

da independência. Aproveitando a ausência do filho, D. Afonso IV dirigiu-se com as suas tropas a Coimbra com o objetivo de executar Inês.<sup>18</sup> Apesar das suas súplicas, implorando misericórdia em atenção principalmente aos seus filhos, netos do rei, que ficariam órfãos e desamparados,<sup>19</sup> D. Inês foi cruelmente degolada, como consta do testemunho documental, *Chronicon Conimbrigence*. Luís de Camões fundamenta-se parcialmente na realidade histórica, ao contar este trágico acontecimento. Todo o seu episódio está ornamentado de ficções românticas,<sup>20</sup> próprias da veia poética, que contribuíram atrativamente para a perpetuação da imagem de Inês transformada em mártir, surgindo o Amor como o verdadeiro responsável pelo triste desenlace.<sup>21</sup>

Inês de Castro, segundo Adrien Roig, é a personagem mais bela e a mais comovente d'*Os Lusíadas*, pois Luís de Camões, artisticamente, dotou esta figura de uma sensibilidade portuguesa, realçando, como traços dominantes da sua personalidade, o amor, a piedade e a *saudade*. A intemporal beleza do episódio inesiano conduziu ao conhecimento universal da sua protagonista e à conseqüente

---

<sup>18</sup> «L'histoire tragique d'Inês de Castro a d'abord été un événement réel, que l'on peut reconstituer dans ses grandes lignes grâce aux documents du temps et aux récits des chroniqueurs. (...) La raison de cette mise à mort était essentiellement politique : le roi craignait l'influence qu'Inês et ses frères pouvaient avoir sur dom Pedro ; il pouvait penser, en particulier que le clan des Castro chercherait à éliminer en faveur des enfants d'Inês le seul fils légitime que dom Pedro avait eu de la reine Constança, et qui était le futur roi dom Fernando. Les chroniques péninsulaires du moyen âge sont pleines des drames occasionnés par l'ambition des maîtresses et des bâtards royaux, dans des situations comparables à celle qu'avait fait naître la liaison de Pedro et d'Inês.» (TEYSSIER, 1974: 569).

<sup>19</sup> «Relègue-moi dans ces lieux où triomphe la pire barbarie, parmi les lions et les tigres ; et je verrai si je puis trouver, chez eux la compassion que des cœurs humains m'ont refusée. Là, pénétrée d'amour, ne pensant qu'à celui pour qui je meurs, j'élèverai ces gages que voici, qui me restent de lui : ils seront la consolation de leur triste mère.» Luís de Camões, *op. cit.*, p. 73.

<sup>20</sup> «Les filles du Mondégo célébrèrent en pleurant longtemps cette sombre mort ; et, pour en perpétuer le souvenir, elles transformèrent en pure fontaine les larmes répandues. Elle lui donnèrent le nom, qui dure encore, des amours d'Inês, dont ces lieux furent témoins. Voyez quelle source fraîche arrose les fleurs : ses eaux sont des larmes, et son nom «Amours». *Ibidem*, 74.

<sup>21</sup> «Tel est le récit émouvant et dramatique de Rui de Pina, qui fait désormais partie de la légende d'Inês de Castro. A travers ce récit, Inês apparaît comme une innocente victime. Elle représente l'Amour immolé à la raison d'Etat. / Voici donc le mythe constitué vers 1500. Il est désormais tout prêt pour la littérature. Et effectivement les écrivains portugais vont bientôt s'en emparer.» Paul Teyssier, *op. cit.*, p. 570.

glorificação do respectivo autor, como nos realça Adrien Roig:

C'est l'épisode le plus connu des *Lusiades*; le plus diffusé, avant ceux du *Velho do Restelo* (IV, 94-104) et d'*Adamastor* (V, 37-60). Il a été très souvent édité à part, traduit dans la plupart des langues et a fait l'objet de nombreuses imitations, gloses ou paraphrases. Inès est (...) dans la gloire universelle de Camões.

Le poète a prêté aux *filhas do Mondego* le pouvoir de rendre très éternelle, mais, en dernière analyse, c'est bien Camões, par son génie poétique et l'originalité de son art qui a réalisé ce prodige.» (ROIG, 1981: 175-176)

Depois da morte de D. Afonso IV sobe ao trono o seu filho, D. Pedro, o qual terá o cognome de *Justiceiro*, pois não hesitará em punir atrozmente crimes,<sup>22</sup> tais como o assassinato da sua apaixonada D. Inês de Castro. Aliando-se ao seu sobrinho, Pedro de Castela, os dois reis fazem um pacto de mútua entrega de inimigos que se encontravam refugiados nos reinos vizinhos. Pêro Coelho e Álvaro Gonçalves, dois dos responsáveis pela execução de Inês cuja morte vai ser vingada, são devolvidos a Portugal e cruelmente massacrados até à morte.

Outro dos momentos mais cruciais da História de Portugal a ser invocado por Luís de Camões é a crise de 1383-85. Com a morte de D. Fernando, que deixou como herdeira do trono a sua filha D. Beatriz, casada com o rei de Castela, surge um novo temor relativamente à perda da independência. Muitos portugueses não se vão conformar com esta possibilidade e vão tentar eleger como rei o Mestre de Avis, filho bastardo de D. Pedro. Por não se tratar de uma situação pacífica, vai resultar num confronto entre as duas forças adversárias: os que apóiam D. Beatriz e aqueles que preferem D. João. Luís de Camões narra detalhadamente a Batalha de Aljubarrota em que os dois exércitos, o português e o castelhano, se defrontaram, realçando o poder inimigo.<sup>23</sup> No entanto, a colaboração de D. Nuno Álvares

---

<sup>22</sup> «Celui-là réprima impitoyablement les brigandages, les meurtres et les adultères. Dur et emporté, ses plaisirs ordinaires étaient de torturer les criminels. Mais, souverain équitable, il protégea les cités contre les sévices des grands, et fit périr d'une juste mort plus de brigands qu'Alcide le vagabond ou que Thésée.» Luís de Camões, *op. cit.*, p. 74.

<sup>23</sup> «La trompette castillane a donné le signal, horrible, farouche, vibrant et formidable ; le mont Artabre l'entendit, et de crainte le Guadiana rebroussa son cours. L'entendirent aussi le Douro et la terre transtagane ; et le Tage hésitant courut à la mer ; à ce redoutable son, les mères ont pressé leurs petits enfants contre leur poitrine.» *Ibidem*, p. 82.

Pereira foi decisiva, liderando as tropas portuguesas e conduzindo-as à vitória. Com a eleição do Mestre de Avis como rei de Portugal, fica garantida a preservação da independência nacional.

Todos estes episódios encontram-se inseridos no relato feito por Vasco da Gama ao rei de Melinde, estando perfeitamente coadunados com o mesmo espírito patriótico e corajoso que, ao longo dos séculos, impele os lusitanos a manterem, por um lado, o seu território intacto, por outro, a expandirem-se cada vez mais. Esta expansão trouxe a Portugal muitos proventos, de ordem econômica, social e política. A língua portuguesa, espalhada pelos vários continentes, é ainda hoje um testemunho inequívoco da áurea época dos Descobrimentos. Por outro lado, as expedições ocasionavam sempre muito derramamento de lágrimas. Um dos momentos representativos deste sofrimento surge no decurso da epopéia quando Luís de Camões relata a partida dos navegantes, rumo à Índia, através de um mar desconhecido e repleto de armadilhas. D. Manuel I resolve pôr em prática o que já tinha sido planeado pelo seu antecessor, D. João II, a viagem marítima até ao Oriente. Na despedida de Belém, o poeta foca amigos e familiares dos marinheiros, em especial, as mães, as esposas e as irmãs que se encontravam destroçadas, pois não sabiam se voltariam a ver os seus entes queridos.<sup>24</sup> As embarcações frágeis, o desconhecimento da rota, a incerteza relativamente aos ventos e às correntes e as doenças que poderiam surgir eram alguns dos numerosos perigos que os aguardavam. Assim, havia muita probabilidade de os navegantes não regressarem à sua terra, o que origina muito sofrimento e muitas orações dirigidas a Deus para que os protegesse nos momentos mais difíceis.

Esta partida para a Índia não vai ser alheia a críticas, gerando uma polémica que é representada n' *Os Lusíadas* por uma figura simbólica, o *Velho do Restelo*.<sup>25</sup> Trata-se de uma personagem que

---

<sup>24</sup> «A nous voir entreprendre un voyage si long et hasardeux, on nous croyait perdus : les femmes pleuraient pitoyablement, et les hommes soupiraient du fond de l'âme. Mères, épouses, sœurs (car l'amour est craintif et s'alarme plus vite), accroissaient le désespoir et la crainte de ne pas nous revoir de sitôt.» *Ibidem*, p. 95.

<sup>25</sup> «Au moment où les navires, devant Belem, vont lever l'ancre et s'éloigner sur les eaux du Tage, surgit un noble vieillard qui s'adresse aux marins affairés. Il critique l'ambition et l'inextinguible soif de gloire qui les pousse à entreprendre des voyages catastrophiques. Comme un antique aède, il profère des malédictions contre le premier homme qui s'est aventuré sur la mer dans un fragile esquif. Il ne voit dans cette aventure qu'ambition, appétit de



surge no meio da multidão e que se dirige aos navegantes, alertando-os para as conseqüências nefastas da viagem ao Oriente. Entre vários aspectos, este ancião salienta a desunião da família, o adultério, a eminência do ataque dos mouros e o perigo constante a que estariam sujeitos os marinheiros, ao longo da rota, pondo em risco a própria existência que deveria ser preservada. Para o *Velho do Restelo*, os marinheiros eram apenas movidos pela Fama, pela Glória e por interesses de ordem material relacionados com a exploração do comércio do Oriente:

Vers quels nouveaux désastres médites-tu d'entraîner ce Royaume et ces hommes ? Quels périls, quelles morts leur réserves-tu sous quelque pompeuse appellation ? Quelles faciles promesses leur feras-tu de royaumes et de mines d'or ? Quelle gloire iras-tu leur promettre ? quels éloges ? quels triomphes ? quelles palmes ? quelles victoires ? (Cf. BISMUT, 1980: 96).

Ao identificar-se com aqueles que se opunham à expedição à Índia, esta figura serve para assinalar alguns inconvenientes dos Descobrimentos, contrapondo-os às vantagens. Sobre o *Velho do Restelo*, Georges Le Gentil tece os seguintes comentários:

Il avait toujours existé au Portugal, même au temps de l'infant dom Henrique, un courant hostile à la politique d'expansion. Les conseillers prudents, qui se croyaient sages, objectaient que l'agriculture manquait de bras, que l'entreprise dépassait les forces d'une petite nation qui ne comptait guère, à cette date, plus d'un million d'âmes. Cette opposition, le poète ne pouvait se dispenser d'en faire état, puisqu'on la retrouve chez les chroniqueurs. Ce qui lui appartient en propre, c'est l'émotion renouvelée de son propre départ, une secrète préférence pour la croisade en Afrique et le souvenir amer de ses déceptions de l'Inde. (LE GENTIL, 1995: 60-61).

Igualmente refletindo sobre o significado do episódio do Velho do Restelo, José de Pina Martins coloca várias questões, concluindo que, independentemente do seu simbolismo, a figura do ancião denota que, em finais do século XV, nem todos os portugueses eram apologistas das expedições marítimas:

Que représente cet épisode dans l'ensemble ? Cette voix est-elle l'écho des plaintes des épouses et des enfants qui voyaient partir les navigateurs ? Est-ce la voix de ceux qui s'opposent à l'abandon de l'agriculture et des activités artisanales, pour la conquête des richesses

---

domination, impérialisme. Il prédit les naufrages, assure que les navigations entraîneront la décadence du royaume, qui se dépeuplera fatalement.» José V. de Pina Martins, *op. cit.*, p. 31.

## FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

et des empires? Le discours du Vieillard du Restelo est-il celui de la juste mesure, de la 'vox rationis', de l'attachement à une médiocrité dorée, la voix de l'*aurea mediocritas* de Sá de Miranda, poète et prophète, qui voyait l'entreprise portugaise se perdre et se détruire elle-même? Cet épisode ne serait-il pas une sorte de contrepoint à l'objet même du chant, celui-ci présentant de ce fait une structure moins linéaire qu'on ne pourrait le penser à première vue? Ou encore, avec ses nombreux traits humanistes, ne serait-il pas destiné, comme le chœur antique, à faire entendre la voix de la sagesse? Quoi qu'il en soit, le monologue du Vieillard du Restelo prouve qu'à la fin du XV siècle, dans la petite société portugaise d'alors, tout le monde n'était pas partisan des aventures maritimes. (MARTINS, 1983: 31-32).

Entre muitos perigos, surgem as intempéris a que estavam sujeitos os navegantes que sulcavam o mar em frágeis embarcações. Luís de Camões vai servir-se da sua experiência, pois também realizou idêntica viagem à Índia, relatando com realismo o episódio da Tempestade em que os portugueses tiveram de se debater contra um inimigo muito poderoso, a natureza e toda a força que ela representa. Apesar dos estragos visíveis na frota, a expedição prosseguiu e os marinheiros conseguiram alcançar o seu objetivo, chegando à Índia. Iniciaram-se, assim, as trocas comerciais entre produtos ocidentais e orientais, as quais, a partir daí, se prolongaram por bastante tempo num ritmo cada vez mais constante. Através do desenvolvimento das técnicas náuticas e do conhecimento de outros povos, Portugal deu à Europa um valioso contributo no domínio científico. Ramalho Ortigão realça a importância das navegações lusitanas e da epopéia camoniana, como divulgadora destes feitos:

C'est grâce aux navigations entreprises pendant les XV<sup>e</sup> et XVI<sup>e</sup> siècles par le Portugal, que se fonde le régime industriel, base de toute l'organisation dans la politique moderne. Camões, en immortalisant sous la forme épique ce fait culminant de la civilisation contemporaine, dota l'humanité d'un livre qui fut pour la Renaissance ce que le *Vieux testament* fut pour le monde hébraïque, l'*Illiade* pour le monde grec, l'*Enéide* pour le monde romain, la poésie des trouvères pour le monde féodal et la *Divine comédie* pour l'unification de l'esprit catholique. (ORTIGÃO, 1880: 47-48).

Esta primeira viagem marítima realizada pelos lusitanos, de Lisboa ao Oriente, é o evento áureo do Renascimento português e é supremamente relatada por Luís de Camões. Ao dotar artisticamen-

te<sup>26</sup> *Os Lusíadas* de características tão específicas, o poeta consegue concretizar o desejo por si expresso no início da epopéia, em que solicita às ninfas uma grandiosidade de talento semelhante às proezas relatadas.<sup>27</sup> A este respeito observemos o parecer de H. Plard, sintetizando os principais traços camonianos:

Camões a été, assurément, un humaniste de très haut rang, mais aussi un héritier du moyen âge, des romans de chevalerie, un des grands lyriques pétrarquaisants, mais aussi un virtuose du ton populaire, un classique des structures fermes et vastes, et déjà, par certains détails, un maniériste. Mais surtout un esprit tourné vers l'avenir, et qui, me semble-t-il, est à la source de ce qu'on peut appeler l'exotisme dans la littérature européenne. En un mot, un homme universel et qui contenait en lui tout l'Univers de son temps. (PLARD, 1983: 13).

A erudição de Luís de Camões patente nos temas sobre os quais se debruça; a originalidade com que recorre à mitologia; a fidelidade com que narra episódios históricos, descrevendo com realismo a natureza geográfica e humana e, ainda, a permanente atualidade dos seus versos enriquecidos com múltiplas figuras de estilo são alguns dos componentes que resultam na magnitude da sua epopéia.

---

<sup>26</sup> «Bref, Camões n'est ni un philosophe, ni un humaniste *ex professo*. C'est un poète, l'un des plus grands de l'Europe de son temps. Son œuvre est une œuvre d'art, et c'est ainsi que nous devons la lire, l'analyser, l'interpréter, la comprendre. Nous pouvons y découvrir le reflet d'un humanisme exemplaire : assimilation de l'esprit des lettres classiques, connaissance des textes grecs et latins, dont il s'inspire tout en gardant son originalité, dépassement du pétrarquisme, attachement à la tradition du *Dolce stil nuovo*, enfin conscience de l'intérêt du platonisme. Tels sont les traits spécifiques d'une œuvre poétique exceptionnelle, qui fut classique et qui l'est toujours pour les lecteurs d'aujourd'hui. Elle garde une jeunesse qui ne laisse pas de nous surprendre et est la preuve de son authenticité.» *Ibidem*, p. 52.

<sup>27</sup> «Et vous, mes Tagides, qui avez nourri en moi un génie neuf et ardent, s'il est vrai que toujours, en humble vers, j'ai joyeusement célébré votre fleuve, donnez-moi aujourd'hui des accents nobles et sublimes, un verbe large et facile, pour que Phébus décrète que vos ondes n'enverront rien à celles d'Hippocrène.» Luís de Camões, *op. cit.*, p. 2.

FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISMUT, R. Fiction et réalité dans *Os Lusíadas*. **In:** *Camões à la Renaissance*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1983.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. Org. de António José Saraiva, Porto: Figueirinhas, 1978.

———. *Les lusiades*. Trad. de Roger Bismut. Paris: Les Belles Lettres, 1980.

LE GENTIL, Georges. *Camões l'œuvre épique & lyrique*, Paris: Chandeigne, 1995.

MARTINS, José V. de Pina. L'humanisme dans l'œuvre de Camões. **In:** *Camões à la Renaissance*. Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1983.

ORTIGÃO, Ramalho. *La Renaissance et Les Lusiades*. Lisboa: Matos Moreira, 1880.

PLARD, H. Présentation du Colloque. **In:** *Camões à la Renaissance*, Paris: Fondation Calouste Gulbenkian, 1983.

ROIG, Adrien. L'Inès de Camões. **In:** *XVI Separata dos Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1981.

TEYSSIER, Paul. Le mythe d'Inès de Castro – La Reine Morte. **In:** *VII Separata dos Arquivos do Centro Cultural Português*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1974.